ENTRE FRONTEIRAS E IDENTIDADES: NARRATIVAS DE MIGRANTES* VENEZUELANOS SOBRE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO NO BRASIL**

BETWEEN BORDERS AND IDENTITIES: NARRATIVES FROM VENEZUELAN MIGRANTS ON EDUCATION AND INTEGRATION IN BRAZIL

DOI 10.55028/geop.v21i40

Frank José Gutiérrez Sivira***

Resumo: O estudo investiga as vivências de imigrantes venezuelanos no Brasil, com ênfase na educação escolar e na integração sociocultural. O objetivo foi compreender os impactos da migração na reconstrução identitária, nas experiências linguísticas e nos sentidos de pertencimento familiar. Adotou-se abordagem qualitativa, com entrevistas narrativas realizadas com quatro famílias venezuelanas, analisadas a partir da tríplice mimesis de Paul Ricoeur e do conceito de hospitalidade de Jacques Derrida. Os resultados revelam lutos e rupturas, barreiras linguísticas, o papel mediador dos filhos na escola e, simultaneamente, processos de resiliência, reconfiguração identitária e práticas de hospitalidade que favorecem a integração no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Migração e escola; identidades narrativas; hospitalidade.

Abstract: This study investigates the experiences of Venezuelan immigrants in Brazil, with an emphasis on school education and sociocultural integration. The objective was to understand the impacts of

Introdução

Em um contexto global marcado por discursos antiinmigratorios que criminalizam e demonizam o imigrante, reduzindo a migração a um problema social e político, bem como por práticas discriminatórias e atos xenofóbicos, torna-se fundamental a produção de análises acadêmicas e científicas que contribuam tanto para compreender o fenômeno migratório quanto para fortalecer o direito humano à mobilidade, reconhecido a todas as pessoas por razões humanitárias.

Por sua vez, a condição de vulnerabilidade na qual migrantes em todo o mundo, chegam a territórios desco-

* Neste trabalho, utilizaremos os termos "migrantes" e "imigrantes" de forma intercambiável para nos referirmos a migrantes internacionais, como pessoas que se deslocam de seu país de origem para outro país.

** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e é parte do projeto de pesquisa "Educação e mobilidade humana: desafios na integração dos migrantes no sistema educacional no eixo Campinas-Itatiba e Bragança Paulista do estado de São Paulo" aprovado pelo Comité de ética de Pesquisa (CEP) da USF CAAE: 94391725.1.0000.5514.

*** Doutor em Ciências Humanas pela Universidad del Zulia (LUZ), Venezuela. Professor visitante na Universidade São Francisco. https://orcid.org/0009-0001-8019-5877 frankgutier@gmail.com.

migration on identity reconstruction, linguistic experiences, and senses of family belonging. A qualitative approach was adopted, involving narrative interviews with four Venezuelan families, analyzed through Paul Ricoeur's triple mimesis and Jacques Derrida's concept of hospitality. The results reveal grief and ruptures, language barriers, the mediating role of children at school, and, simultaneously, processes of resilience, identity reconfiguration, and practices of hospitality that foster integration into the Brazilian context.

Keywords: Migration and school; narrative identities; hospitality.

nhecidos, muitas vezes sem atendimento adequado às suas necessidades de abrigo, acolhimento e hospitalidade, exige da comunidade acadêmica a construção de vozes críticas e solidárias diante dos milhões de deslocados que, em decorrência de conflitos armados, fome, crises climáticas, políticas e econômicas, são forçados a buscar espaços mais seguros para a vida e a sobrevivência.

Os deslocamentos humanos atingiram, nas últimas décadas, níveis sem precedentes quando comparados a outros períodos históricos. Segundo dados da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR, 2025), há 42,2 milhões de refugiados e 73,5 milhões de deslocados em todo o mundo, configurando um cenário que evidencia a continuidade e a intensificação da crise migratória global. Paralelamente, discursos contrários à migração de grupos vulneráveis vêm se consolidando por meio da criação de leis e normativas que restringem uma acolhida livre e humanitária, especialmente em países e blocos do Norte Global.

Nesse contexto, países como o Brasil tornaram-se, nos últimos anos, destinos inesperados para migrantes provenientes de diversas regiões do mundo, particularmente do Sul Global, incluindo haitianos, venezuelanos, bolivianos, cubanos e migrantes de países africanos. Baeninger (2025), ao analisar o fenômeno migratório no Brasil no âmbito dos êxodos contem-

porâneos, destaca que o país é frequentemente percebido "*não como um destino desejado, mas como um país possível*", funcionando, em muitos casos, como ponte para outros destinos no Norte Global. No entanto, diante do endurecimento de políticas anti-imigratórias em países como os Estados Unidos, a permanência daqueles que inicialmente planejavam migrar novamente tende a se tornar mais duradoura ou definitiva.

Essas narrativas e políticas anti-imigratórias contribuem para que os deslocamentos humanos, forçados ou não, passem a buscar rotas alternativas, especialmente no Sul Global, onde o Brasil se destaca pela existência de marcos jurídicos relativamente mais inclusivos, como a Lei de Migração (Lei n.º 13.445/2017) e a Lei de Refúgio (Lei n.º 9.474/1997), que garantem maior segurança jurídica e regularização documental às pessoas migrantes (Baeninger, 2025).

Adicionalmente, a existência de operações estruturadas de acolhimento, como a Operação Acolhida no estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela, bem como a atuação da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e de diversas organizações da sociedade civil e instituições religiosas, tem contribuído para construir um ambiente relativamente receptivo, favorecendo a chegada de novos migrantes.

Contudo, a chegada ao país, mesmo quando acompanhada de atendimento institucional organizado, não garante, por si só, um processo de acolhimento integral e livre de dificuldades. Ao contrário, a entrada no território marca o início de processos complexos de adaptação cultural e de inserção em dinâmicas sociais que demandam atenção contínua, especialmente no que se refere à educação intercultural e ao ensino da língua portuguesa.

O objetivo deste estudo é ampliar a compreensão das vivências de imigrantes venezuelanos que chegaram ao Brasil em condições de vulnerabilidade, analisando seus impactos nos processos de inclusão e exclusão, na reconstrução de identidades e nos intercâmbios culturais, envolvendo educação, língua e memórias compartilhadas, que ressignificam suas trajetórias e pertencimentos. Para tanto, foram selecionadas quatro famílias venezuelanas que chegaram ao Brasil entre 2016 e 2026, cujos filhos estão inseridos na Educação Básica brasileira no eixo Itatiba – Bragança Paulista no interior do estado de São Paulo. Cada família é uma rede de linguagem e cultura que interage de maneira singular com o sistema educacional e com as escolas de seu entorno. Suas vozes expressam narrativas, afetos e racionalidades que permitem compreender os processos de integração e inclusão enquanto sujeitos sociais.

As entrevistas narrativas e a pesquisa (auto)biográfica configuram-se não apenas como estratégias metodológicas, mas como possibilidades de aprofun-

damento nas experiências vividas, viabilizando sua interpretação à luz de uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica. As histórias de vida são como processos inacabados, continuamente (re)significados nas relações entre os sujeitos e suas narrativas. Assim, a compreensão da experiência educativa de estudantes migrantes não pode ser dissociada de sua temporalidade migratória antes, durante e depois da migração, nem das relações familiares que estruturam identidades e modos de vivenciar essas experiências.

A partir dessa perspectiva, esta investigação reconstrói, por meio das narrativas de pais e mães de estudantes do Ensino Fundamental, a experiência migratória como um todo interconectado. Ao articular essas narrativas, opera-se em um círculo hermenêutico que valoriza o movimento entre as partes e o todo, conferindo centralidade aos sujeitos narradores e à sua interação com o contexto escolar. Desse modo, o território do país de acolhida pode ser visto como um amplo espaço de aprendizagem e hospitalidade, ao qual se soma a escola como instituição concreta de integração.

Este texto organiza-se em três seções: inicialmente, apresenta-se o referencial teórico que sustenta o estudo e delimita seu enfoque epistemológico, com base na premissa de que compreender é interpretar, a partir das contribuições de Paul Ricoeur e Jacques Derrida. Em seguida, descreve-se a metodologia adotada. Por fim, desenvolve-se a análise a partir da tríplice mimesis, articulada ao conceito de hospitalidade como categorias analíticas para interpretar e ressignificar as vivências narradas.

Por fim, destaca-se que os processos de inclusão de imigrantes não se limitam a procedimentos formais de acolhimento (como documentação, alimentação ou alojamento), mas envolvem, de maneira mais profunda, a hospitalidade diante das experiências de dor associadas à separação, ao desenraizamento e à ruptura de práticas culturais e de sentidos. Esse processo torna-se ainda mais desafiador diante da necessidade de inserção em uma língua que, muitas vezes, é inicialmente estranha às suas origens.

Pressupostos e diálogos

O presente trabalho fundamenta-se na tradição filosófica hermenêutica como ferramenta para compreender e interpretar fatos da vida, especialmente no círculo hermenêutico e na mediação da tríplice mimesis de Paul Ricoeur (2021), sendo complementado pelo conceito de hospitalidade incondicional e condicional de Jacques Derrida (2003). A partir desse referencial, apresentam-se alguns conceitos-chave que orientam a análise.

Da hermenêutica e da tríplice mimesis

A hermenêutica (do grego *hermeneutikos*) constitui uma disciplina filosófica orientada a compreender e interpretar aquilo que se encontra para além do aparente. Relaciona-se ao conceito de "explicação", entendido como o ato de esclarecer, tornar o obscuro evidente e o confuso inteligível. Bauman (2022) estabelece, a partir dessa perspectiva, uma relação instigante entre sofrimento, felicidade e engano, ao sustentar que a incompreensão, antônimo de *hermeneus*, é uma forma recorrente de sofrimento, pois torna a situação incerta, imprevisível e potencialmente perigosa, paralisando o sujeito. Acrescenta, ainda, que a busca pela compreensão advém de um esforço por transformar a incerteza em certeza e o opaco em transparente (Bauman, 2022).

A filosofia hermenêutica, por sua vez, configura-se como um método de interpretação e compreensão de caráter dinâmico, sustentado em elementos históricos e dialógicos, que busca fazer emergir símbolos e significados a partir do texto narrado. Ricoeur (2021) desenvolve essa abordagem a partir do círculo hermenêutico, no qual a compreensão avança no movimento entre o todo e as partes, propondo a tríplice mimesis como instrumento de interpretação do relato situado no tempo humano. Desse modo, a tríplice mimesis abrange três momentos narrativos: prefiguração, configuração e refiguração, sendo um modelo no qual o leitor interpreta e reinterpreta o mundo por meio do texto narrativo.

A prefiguração, ou mimesis I, como primeiro estágio analítico, refere-se à representação da ação, implicando, antes de tudo, a pré-compreensão do agir humano, sua semântica, simbologia e temporalidade, ou seja, o mundo prático anterior ao relato, marcado pela familiaridade com as ações cotidianas, pelas mediações simbólicas e pelas temporalidades vividas (Ricoeur, 2021).

A configuração, ou mimesis II, diz respeito à construção da intriga narrativa, ou seja, o momento de organizar a experiência em uma trama dotada de sentido. Trata-se de um processo de mediação entre o antes e o depois, que permite integrar ações e acontecimentos em uma narrativa coerente (Ricoeur, 2021). Paul Ricoeur descreve a dimensão configurante em três aspectos: (1) a ação configurante não se limita à soma de eventos, mas constitui uma totalidade significativa que organiza e dá sentido à história, articulando o episódico ao configurante; (2) promove a síntese de elementos heterogêneos, como eventos, acidentes, decisões e sofrimentos em uma narrativa coerente que reconstrói a trama; e (3) a repetição da história narrada permite sua caracterização e consolidação como unidade narrativa (Ricoeur, 2021).

Por fim, a mimesis III, ou refiguração, associa-se ao retorno da narrativa à ação, no qual o mundo do texto se abre ao leitor-intérprete. É o momento em que texto e contexto se encontram em um processo de reinterpretação, no qual se efetiva a compreensão do narrado. É nesse ponto que ocorre a interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, ou do pesquisador, integrando o universo narrado ao horizonte interpretativo daquele que o analisa (Ricoeur, 2021).

Em síntese, a mimesis criativa opera entre o narrado, o ouvido, o lido e o interpretado, possibilitando uma compreensão profunda dos símbolos que compõem a experiência humana. No contexto deste estudo, as narrativas dos migrantes, permeadas por ações, rupturas e reconfigurações, permitiram acessar dimensões que ultrapassam as trajetórias geográficas, revelando sentidos mais amplos da experiência migratória.

Sobre a hospitalidade e a hosti-pitalidade[1] em Jacques Derrida

A incorporação do pensamento de Jacques Derrida (2003) e de seus conceitos de hospitalidade mostra-se particularmente pertinente no debate contemporâneo sobre as migrações. A distinção entre hospitalidade condicional e incondicional abre espaço para refletir sobre as implicações da atual crise migratória. A hospitalidade condicional refere-se àquela mediada por leis, normas e regras que exigem identificação, reconhecimento jurídico e cumprimento de deveres, condicionando a acolhida. Em contraste, a hospitalidade incondicional implica a abertura absoluta ao outro, sem exigências ou contrapartidas, acolhendo-o em sua condição de vulnerabilidade, especialmente em situações de deslocamento forçado.

No contexto das migrações, tal concepção revela-se, em grande medida, paradoxal, uma vez que entra em tensão com os marcos jurídicos das nações. Como afirma Derrida (2003), a lei da hospitalidade absoluta exige uma ruptura com a hospitalidade regulada pelo direito, instaurando uma tensão entre ética e legalidade e evidenciando a complexidade do acolhimento do outro.

Por outro lado, a hospitalidade condicional não garante, necessariamente, uma acolhida efetiva. Derrida recorre à noção de *hostis*, termo latino de significado ambivalente, que designa simultaneamente "inimigo" e "hóspede", para ressaltar que a relação com o estrangeiro (*kxénos*) está atravessada por uma tensão constitutiva entre acolhimento e hostilidade. Sendo assim, a hospitalidade pode converter-se em hostilidade quando condicionada por exigências que muitos migrantes

[1] Para Derrida, a "hosti-pitalidade" representa uma estrutura paradoxal da hospitalidade, em que acolher o outro (o migrante) implica, ao mesmo tempo, abrir a casa e tornar-se refém dessa abertura, pois quem acolhe se despoja ao receber e só pode acolher impondo regras que limitam a hospitalidade incondicional.

não conseguem cumprir, especialmente aqueles deslocados por crises climáticas, conflitos armados ou emergências humanitárias (Derrida, 2003; De Toledo, 2024).

A ética da hospitalidade incondicional, proposta por Jacques Derrida, supõe reconhecer o outro em sua singularidade absoluta, sem reduzi-lo a categorias jurídicas ou identitárias. No entanto, tal perspectiva enfrenta limites concretos, uma vez que desafia as estruturas sociais e jurídicas vigentes (Derrida, 2003, p. 69).

Nessa linha, De Toledo (2024), ao analisar as crises migratórias contemporâneas, propõe uma radicalização da hospitalidade, defendendo a necessidade de práticas que desconstruam as fronteiras e possibilitem formas de acolhimento menos excludentes, tensionando as lógicas de soberania, poder e pertencimento que orientam políticas migratórias tradicionais.

Tanto Paul Ricoeur quanto Jacques Derrida são referências fundamentais para uma abordagem interpretativa do fenômeno migratório, contribuindo para compreendê-lo em sua complexidade e profundidade.

Identidade narrativa e língua materna

Outro conceito central para a análise deste estudo é o de identidade narrativa, que envolve processos de memória e enraizamento vivenciados pelos migrantes. De acordo com Paul Ricoeur, a identidade humana pode ser compreendida narrativamente, na medida em que o sujeito articula permanência e mudança ao longo de sua trajetória de vida. Nesse sentido, distinguem-se duas dimensões: o *idem* (mesmidade), relacionado à continuidade de características e traços identitários, e o *ipse* (si mesmo), vinculado às transformações e à dimensão ética do sujeito ao longo do tempo (Crowley, 2003).

A ipseidade não se reduz a uma continuidade estática, mas constitui-se como uma articulação narrativa na qual o sujeito emerge simultaneamente como autor e leitor de sua própria história, integrando suas experiências em uma totalidade coerente que confere sentido à sua existência (Da Costa; Albertini, 2024).

A identidade narrativa exerce, assim, uma função mediadora entre o *idem*, frequentemente afetado pelas rupturas da migração, e o *ipse*, que procura manter-se por meio da narrativa de suas transformações. Narrar a experiência migratória possibilita construir pontes entre aquilo que foi perdido e aquilo que se reinventa em um novo território, em meio a uma cultura e a uma língua desconhecidas.

Sendo assim, a linguagem, como espaço simbólico, torna-se central na articulação entre identidade, memória e desenraizamento. Derrida (1997, 2003) ressalta que a hospitalidade começa pela língua; no entanto, essa abertura é frequente-

mente tensionada pela exigência de comunicação na língua do país de acolhida. Tal exigência pode configurar uma forma de violência simbólica, uma vez que impõe ao migrante a necessidade de adaptar-se a uma nova língua, cultura e práticas de sentido, revelando a presença de uma hospitalidade atravessada por traços de hostilidade.

Migração e integração escolar

O espaço escolar é um contexto privilegiado para desenvolver práticas de inclusão e interculturalidade. No entanto, segundo De Sousa Severo e Salazar de Oliveira (2024) observa-se, em determinados sistemas educacionais, a presença de barreiras linguísticas e culturais significativas que dificultam a integração de estudantes migrantes, impactando seu desempenho escolar. Os autores enfatizam a necessidade de políticas educacionais e de formação docente voltadas à gestão da diversidade cultural.

De modo semelhante, De Paula Guedes e Frezza (2025) apontam que a pedagogia translingue representa um eixo fundamental para construir práticas pedagógicas inclusivas e interculturais na Educação Básica brasileira, ao desafiar o monolinguismo predominante no ambiente escolar, especialmente em regiões com alta presença de migrantes.

Por sua vez, Cordeiro Machado (2024), ao investigar o direito à Educação Básica de migrantes e refugiados, reforça que esses estudantes enfrentam múltiplos desafios para o acesso e a permanência no sistema educacional, incluindo barreiras linguísticas, traumas psicológicos, discriminação, ausência de documentação e condições socioeconômicas adversas. Como resposta, propõe a implementação de políticas públicas que contemplem flexibilização curricular, formação docente específica, programas de acolhimento e articulação entre escolas, comunidades e organizações da sociedade civil, com vistas a promover de uma educação inclusiva.

Caminhos metodológicos

O estudo fundamenta-se na filosofia hermenêutica, inserindo-se, portanto, no paradigma interpretativo das ciências sociais, com abordagem qualitativa de caráter narrativo (auto)biográfico. Segundo Connelly e Clandinin (*apud* Fresneda-Patiño *et al*., 2025), os seres humanos vivem vidas narradas e configuram essas vidas por meio de histórias sobre quem são, quem são os outros e interpretam seu passado à luz dessas narrativas. Nesse sentido, a pesquisa narrativa permite dar forma aos relatos que, no cotidiano, contamos a nós mesmos.

Ao adotar essa abordagem narrativa, foram contatados migrantes dispostos a compartilhar suas histórias, possibilitando um encontro de horizontes de sentido e perspectivas comuns, que permitisse ao pesquisador acessar experiências e olhares antes não percebidos. Os colaboradores foram quatro famílias venezuelanas que migraram para o Brasil entre os anos de 2016 e 2026, compostas por casais com filhos em idade escolar, que compartilharam, por meio da palavra, dos gestos e das expressões corporais, suas vivências de dor e alegria ao longo de seus processos migratórios.

Bolívar (2012) sintetiza a dialética subjacente à pesquisa narrativa ao destacar quatro elementos fundamentais que dialogam entre si: o narrador (quem conta sua história), o pesquisador (que escuta, interpreta e problematiza), o texto produzido a partir dos relatos (que sintetiza os achados do campo) e, por fim, os leitores, que se apropriam do conhecimento gerado.

Foram realizadas quatro entrevistas, com duração entre 30 e 80 minutos, sendo três presenciais e uma online. Em cada família, um ou dois responsáveis participaram como interlocutores, representando também as vivências das crianças em idade escolar. A partir dessas entrevistas, foram produzidos os dados que subsidiaram o processo de interpretação e compreensão.

As entrevistas foram abertas e flexíveis, orientadas por questões disparadoras da narrativa. Para a prefiguração, foram formuladas perguntas como: "Quais eram as condições em seu país de origem que motivaram a decisão de migrar?" e "Como era a sua vida antes da migração?". Para a configuração: "Como foi a chegada ao Brasil e as condições de acolhimento, incluindo a inserção social e escolar?". Para a refiguração: "O que vocês estão fazendo atualmente?" e "Como tem sido o processo de estabilização no novo país?".

A análise dos dados foi realizada com base nas contribuições teóricas de Paul Ricoeur, por meio da tríplice mimesis (prefiguração, configuração e refiguração), e no pensamento de Jacques Derrida, especialmente quanto aos conceitos de hospitalidade e monolinguismo. Na mimesis I (prefiguração), interpretaram-se as agências deixadas, as capacidades desenvolvidas e as experiências de desenraizamento; na mimesis II (configuração), aprofundou-se a compreensão da chegada, dos processos de transformação da ipseidade e da reelaboração do trauma migratório; e, na mimesis III (refiguração), integraram-se as conexões em um círculo interpretativo resultante do encontro entre pesquisador e narrativas. A perspectiva de Derrida permitiu evidenciar a aporia da hospitalidade e as barreiras linguísticas como formas de violência simbólica associadas à necessária adaptação da identidade migrante.

Resultados circulares das narrativas

A seguir, apresenta-se a análise circular das narrativas, convertidas em dados por base as entrevistas realizadas. A leitura e a releitura desses relatos me conduziram a uma compreensão mais ampla do fenômeno migratório, do outro e de mim mesmo, permitindo, ao final, ressignificar minha própria narrativa. Nos três níveis da tríplice mimesis (prefiguração, configuração e refiguração), as histórias se organizam em espiral e se entrelaçam como uma narrativa comum, na qual emergem experiências compartilhadas por muitos outros; ainda que esse não seja o objetivo central, torna-se difícil não reconhecer as convergências.

As histórias narradas, embora diversas, convergem em uma só e dão conta do que ocorreu antes de serem contadas: antes da saída do país de origem, durante o deslocamento e a chegada ao novo território, e, por fim, no processo de estabilização no Brasil. Trata-se de uma história incompleta, inacabada e em permanente construção, projetada em um horizonte de expectativas que a vislumbra como bem-sucedida (sem vitimização e aberta a possibilidades de desenvolvimento e progresso.

Mimesis I (prefiguração): o mundo deixado para trás

As histórias narradas pelas famílias entrevistadas, marcadas pelo sofrimento do desenraizamento e da perda, evidenciam processos de transformação identitária (ipseidade) vivenciados ao longo da migração. A seguir, apresentam-se fragmentos das trajetórias de Juan José e Anabel, junto com sua filha de 8 anos (Sofi), bem como de Pedro e sua filha Rossi (6 anos, nascida no Brasil), Kati e seu filho David (9 anos) e Dayana e Ramón com seu filho Luis (12 anos). São histórias diversas, mas que convergem nos desafios enfrentados, nas metas projetadas e nas buscas por respostas diante de incertezas compartilhadas.

Segundo Ricoeur (2021), as narrativas são permeadas por simbolismos que circulam significados e possibilitam entender o relato para além de sua superfície. Na mimesis I, ou prefiguração, destaca-se a pré-compreensão da ação como fase de organização de sentido, na qual toda ação está orientada por motivos, fins, normas e valores. Assim, antes de ser narrada, a história já existe temporalmente; a narrativa apenas a organiza. As experiências desses migrantes são reconstruídas a partir das vozes dos adultos que, inseridos em uma nova sociedade, trazem consigo crianças que ingressam no sistema escolar, muitas vezes sem dar conta plenamente dos impactos emocionais, psicológicos e físicos vivenciados no processo migratório.

Na prefiguração, foi elaborada uma síntese do mundo da ação e dos significados atribuídos às experiências vividas no país de origem:

Pedro, de 45 anos, com uma filha de 7 anos matriculada no 1.º ano do Ensino Fundamental I, reside atualmente em Bragança Paulista. Chegou ao Brasil entre 2016 e 2017. Sua narrativa expressa pertencimento a um universo cultural e simbólico urbano, no qual construiu sua trajetória acadêmica como biólogo, inserido em práticas típicas da classe média e sustentado por redes de apoio que lhe conferiam segurança para decisões importantes, como o casamento e a constituição familiar. Sua rotina incluía atividades acadêmicas, docência universitária e participação na vida urbana, ancoradas em valores de família e trabalho.

A ruptura desse cotidiano ocorreu com o convite de um colega para candidatar-se a uma bolsa de doutorado no Brasil. Essa oportunidade representou não apenas um avanço profissional, mas também uma possibilidade concreta de saída diante da crise no país de origem. A decisão implicou uma primeira ruptura significativa, incluindo a separação temporária da esposa, evidenciando a quebra das redes de segurança construídas ao longo dos anos.

> *No final decidimos sair da Venezuela principalmente pela situação do país. Em 2015, a situação já era complicada economicamente. Lembro de fazer filas para comprar papel higiênico... faltava gasolina... havia cortes de energia... e não havia perspectivas de futuro, como comprar uma casa. Então decidimos tentar, e aceitei a proposta do professor também como uma forma de ganhar tempo, na esperança de que a situação melhorasse.* (Pedro)

As práticas de sentido construídas no cotidiano no trabalho e nas interações sociais, são interrompidas e carregadas na memória rumo ao novo território (Ricoeur, 2021). Ainda que a migração venezuelana não estivesse plenamente intensificada em 2015, a ideia de migrar já fazia parte do imaginário coletivo, sendo a saída acadêmica uma via possível que, no caso de Pedro, configurou-se como um deslocamento definitivo.

Juan José (35 anos) e Anabel (40 anos), com duas filhas, residem atualmente em Itatiba. Ambos construíram suas trajetórias com base em valores de trabalho e família. Juan José formou-se como aviador, enquanto Anabel, mulher indígena da etnia wayuu, superou barreiras sociais para graduar-se em medicina. Apesar de estarem inseridos no mercado de trabalho, não conseguiam suprir suas necessidades básicas, o que impulsionou a decisão de migrar.

> *Em 2017 ainda havia uma escassez enorme na Venezuela. Eu trabalhava como médica, mas o salário não era suficiente. Lembro que recebia e só conseguia comprar um quilo de sabão em pó... e não encontrávamos coisas básicas, como fraldas descartáveis.* (Anabel)

Kati, de 55 anos, com um filho de 9 anos, vive atualmente em Itatiba. Migrou em 2019 com o marido e os filhos. Sua narrativa revela uma vida estruturada em rotinas familiares, redes de apoio e atividades esportivas, que foram interrompidas pela crise.

> *Saímos da Venezuela em 2019... eu sabia que não poderia oferecer ao meu filho as mesmas oportunidades que dei às minhas filhas, em termos de educação, esporte e alimentação, e isso me levou a tomar a decisão de sair.* (Kati)

Dayana e Ramón, com dois filhos, residem atualmente em Bragança Paulista e migraram recentemente, reiterando a continuidade da crise.

> *Nesses tempos, a situação econômica tem sido muito difícil... o venezuelano buscava diferentes formas de sobreviver... ninguém gosta de sair do seu país, mas fomos praticamente obrigados.* (Ramón)

As narrativas revelam significados profundos associados à experiência de ser pai e mãe em um contexto de crise, marcado pela busca constante por sobrevivência. Todos os entrevistados convergem na descrição de um contexto hostil que motivou o deslocamento para territórios desconhecidos, inicialmente idealizados como melhores. Ao mesmo tempo, permanece a nostalgia pelo que foi perdido, não por escolha, mas por imposição das circunstâncias.

Além disso, destaca-se a existência de redes de apoio e estratégias de sobrevivência no país de origem. No entanto, a intensificação da crise, especialmente com a hiperinflação entre 2017 e 2021, tornou inviável a manutenção das condições básicas de vida, contribuindo para a decisão de *migrar.*

Mimesis II (configuração): o manto da vulnerabilidade

Na mimesis II, adentra-se a etapa central da análise, que envolve o momento histórico da chegada e a busca de estabilidade dos sujeitos entrevistados no novo território, como deslocados ou imigrantes. Trata-se, portanto, de reconstruir a história a partir da ruptura vivenciada por todos os participantes. Não se faz necessário fragmentar as múltiplas semelhanças entre as famílias, mas ressaltar aquelas experiências que marcaram diferenças significativas.

Travessia de fronteira: do terror da incerteza ao espaço da hospitalidade condicionada

A chegada ao Brasil implica a travessia de uma fronteira em busca de hospitalidade. Os imigrantes entrevistados chegam como um "outro absoluto", sem nome reconhecido nem reconhecimento social o "estrangeiro anônimo" em contraste

com o "outro reconhecido", portador de status, que não depende de hospitalidade incondicional. O imigrante desconhecido, ao contrário, chega marcado pela urgência de ser reconhecido em sua alteridade, enfrentando a condicionalidade jurídica que o espera (Derrida, 2003). Ainda assim, aceita a hospitalidade condicionada sem resistência, consciente da impossibilidade de contornar a burocracia institucional, acolhendo as condições impostas pelo contexto:

> *Foi ali que começamos a perceber a mudança, quando fomos recebidos nas tendas da ONU, pelos militares. Ali começamos a ver a diferença entre os militares daqui do Brasil e os da Venezuela.* (Katy)

> *Um dos momentos mais marcantes para mim, depois de todo esse percurso, foi ter sido tão bem recebido por um militar que não é do seu país, mas que te acolhe como se você fosse parte dele. Ele te diz: bom dia, como você está? Seja bem-vindo ao Brasil, esta é a sua casa.* (Juan José)

> *Agradeço ao Brasil, às Nações Unidas, às empresas que estão apoiando toda essa imigração. Porque o Brasil, graças a Deus, foi o único país que soube trabalhar a imigração venezuelana, transformá-la e aproveitá-la para gerar emprego.* (Ramón)

A sublimação dos eventos funciona como mecanismo de defesa que auxilia superar perdas, dores e separações. Os participantes percorreram longas distâncias desde seus locais de origem até a fronteira brasileira, enfrentando não apenas rumores, mas situações concretas de insegurança, incluindo práticas de extorsão por parte de autoridades, além de carregarem consigo memórias de escassez de alimentos, combustíveis e serviços básicos, bem como o trauma de uma crise multidimensional. A hospitalidade, ainda que condicionada, é recebida com alívio e gratidão. No caso de Ramón e Dayana, por exemplo, foram acolhidos por uma rede de supermercados que se deslocou até a fronteira para recrutar trabalhadores, oferecendo emprego e moradia temporária, agregando novas condições às já estabelecidas pela legislação.

O trauma da migração, marcado pela solidão, nostalgia e incerteza, é parcialmente atenuado pelo tratamento respeitoso recebido no país de acolhida. Ainda que a hospitalidade esteja atravessada por interesses econômicos e laborais, os sentimentos de gratidão prevalecem, contribuindo para processos de ressignificação e superação das experiências traumáticas.

A interiorização em um território seguro e as barreiras linguísticas no país

A chegada a um território estável, distante da fronteira, representa a transição simbólica para uma nova vida imposta pelas circunstâncias. Esse processo exige a reconstrução de referenciais conceituais e a constituição de novas redes de

apoio que contribuam a elaborar o trauma migratório. Novos espaços de moradia, ambientes desconhecidos e a necessidade de aprender uma nova língua passam a compor o percurso dos migrantes. A imposição do idioma reconhecida como necessária é interpretada por Derrida (2003) como uma forma de "violência linguística", na medida em que implica uma ruptura com a língua de origem e, consequentemente, com dimensões da identidade. O sujeito migrante experimenta, assim, uma condição ambivalente: a necessidade de apropriar-se do novo idioma para comunicar-se e, simultaneamente, a sensação de deslocamento entre dois mundos, aos quais já não pertence plenamente (Derrida, 1997).

A narrativa de Pedro ilustra esse processo, vivenciado tanto por adultos quanto por crianças. Ao chegar ao Brasil para realizar um doutorado, encontrou um ambiente acadêmico exigente, pouco propício a um acolhimento linguístico mais sensível:

> *Eu senti certa dificuldade com o idioma... lembro que, nos primeiros meses, chegava em casa com dor de cabeça. Um amigo colombiano me disse que era pelo esforço de tentar entender tudo e internalizar a língua.* (Pedro)

A aprendizagem do idioma, em qualquer contexto, tende a ser vivenciada como uma obrigação. O migrante não exige que sua língua seja compreendida, mas espera paciência e abertura diante de seu processo de adaptação. No encontro com o outro, estabelece-se uma tensão dialética em que predomina a língua dominante. O trecho a seguir evidencia essa experiência:

> *Eu entendo o idioma... falo pouco, não com a fluidez que gostaria. Quando não consigo me expressar, fico frustrada e recorro ao meu filho... mas sempre agradeço porque as pessoas fazem o esforço de me entender.* (entrevistada Katy)

Filhos como mediadores entre dois mundos: superando barreiras linguísticas e culturais

As experiências vividas em um país estrangeiro colocam os sujeitos em contato com práticas culturais diversas, sendo a escola um espaço privilegiado dessa interação. Nesse contexto, crianças e adolescentes tornam-se mediadores entre dois mundos, o da cultura de origem e o da cultura de acolhida, tendo a língua como elemento central dessa mediação.

Três crianças das famílias entrevistadas vivenciaram sua inserção escolar como uma ruptura linguística e cultural, enfrentando possíveis tensões identitárias sobre quem são no espaço institucional e quem são no ambiente familiar. A experiência relatada por Katy sobre seu filho retrata como a tentativa de acolhimento pode, paradoxalmente, gerar angústia:

> *A professora pediu para eu ficar após a reunião e tentou se comunicar por gestos, como se eu não entendesse nada... ela dizia que meu filho não falava, não se expressava, tinha dificuldade de socializar, mas que entendia algumas coisas. Parecia não saber o que fazer.* (Katy)

Embora não seja possível acessar diretamente as emoções da criança, é plausível interpretar que a língua, ao invés de facilitar a integração, pode inicialmente gerar incompreensão e sofrimento. Situação semelhante ocorreu com a filha de Pedro, nascida no Brasil, mas falante inicial do espanhol, cuja dificuldade de comunicação levou à suspeita de problemas de linguagem por parte da escola, posteriormente esclarecida.

Juan José e Anabel também relatam dificuldades linguísticas enfrentadas por sua filha, que inicialmente utilizava o inglês como estratégia de comunicação, até adaptar-se gradualmente ao português.

> *No início, ela teve muita dificuldade para se adaptar ao português e não falava nem português nem espanhol; o mais fácil para ela, até os quatro ou cinco anos, era se comunicar em inglês com o pai.* (Anabel)

Da mesma forma, foram chamados para tratar do problema de fala da menina, pois as professoras não conseguiam entendê-la e precisavam da ajuda do pai para traduzir. Aos poucos, ela foi aprendendo português

As barreiras linguísticas geram impactos significativos, especialmente na infância, afetando o desempenho escolar, a integração social e o bem-estar emocional. No entanto, a capacidade adaptativa das crianças pode favorecer a superação dessas dificuldades, desde que haja apoio efetivo de professores e famílias, bem como estratégias pedagógicas adequadas.

Considerações Finais

Mimesis III (refiguração): Reconfigurações circulares na compreensão das narrativas

Como pesquisador e imigrante, foi impossível não me sentir identificado com a experiência dos entrevistados. Minha própria visão foi transformada no que diz respeito à compreensão e aos significados de ser migrante. Minha própria vulnerabilidade foi influenciada pelas narrativas, e minhas forças foram repensadas ao se unirem ao repertório de resiliência dos narradores. As vivências na fronteira, as primeiras experiências das crianças na aula de Educação Infantil e, posteriormente, a adaptação delas e a integração progressiva, incluindo o domínio do português melhor do que o de seus pais, representam etapas de satisfação e transformam a história em sucesso.

Analisemos as reconfigurações que os relatos textualizados e relidos trazem às minhas próprias reflexões, recompreendendo, reconstruindo e ressignificando minha própria história como imigrante, professor e pesquisador criando uma relação eficaz e cordial com os entrevistados.

As narrativas dessas experiências migratórias constituem fragmentos significativos das trajetórias dos entrevistados, especialmente quanto à reconstrução de suas identidades. A reinvenção profissional, a aprendizagem de uma nova língua e a busca por integração sociocultural são percebidas como conquistas que contribuem para a superação dos traumas vividos. Os participantes deixaram um país marcado por crises múltiplas e migraram em busca de melhores condições de vida, enfrentando riscos, perdas e incertezas. Percorreram longas distâncias impulsionados pela esperança de garantir um futuro digno para si e para seus filhos.

Ao atravessarem fronteiras, confrontaram-se com a burocracia inerente à hospitalidade condicionada, mas expressam gratidão pelo acolhimento recebido. Buscam reconstruir suas vidas por meio da integração cultural, ressignificando hábitos e sentidos de pertencimento.

A inserção dos filhos na escola representa um direito e, ao mesmo tempo, um desafio, pois implica entrar em um universo cultural e linguístico desconhecido. A escola, nesse contexto, configura-se como uma das principais redes de apoio para integrar os migrantes. Enquanto microcosmo social, a escola tem o potencial de promover o intercâmbio cultural e a valorização da diversidade, contribuindo para a superação de discursos xenofóbicos. A presença de estudantes migrantes representa uma oportunidade de enriquecimento cultural que deve ser reconhecida e valorizada.

A crítica que os narradores formularam às diferentes escolas pelas quais passaram ao longo de sua trajetória migratória, até chegarem, nos últimos dois anos, a este eixo escolar Itatiba-Bragança Paulista, distingue, de um lado, docentes que se empenham em construir estratégias pedagógicas para lidar com a diversidade em sala de aula, na qual convivem estudantes imigrantes cuja língua materna difere da língua hegemônica do modelo monolíngue tradicional, e, de outro, aqueles que não sabem como agir diante dessas diferenças, que acabam por se tornar desafios adicionais ao trabalho docente. Para mim, esses relatos introduzem noções relevantes: o monolinguismo, entendido como a primazia de uma língua dominante e homogeneizadora na sala de aula, e a translinguagem, como prática híbrida que articula dois ou mais repertórios linguísticos que, por vezes, o migrante traz consigo.

Os processos de renegociação identitária vivenciados pelos participantes também impactaram a compreensão do meu "eu" pesquisador, que, sendo migrante, reconheço em mim mesmo processos semelhantes de reconstrução e ressignificação identitária. Os relatos analisados ampliaram entender o fenômeno migratório, permitindo a reconstrução de sentidos a partir do diálogo com experiências compartilhadas. A *ruptura* com o país de origem, com as identidades e com as redes de apoio marca um ponto de inflexão que redefine a experiência subjetiva do migrante.

O *luto* associado ao deslocamento não desaparece, mas se transforma ao longo do processo de adaptação, manifestando-se em crises identitárias e na sensação de não pertencimento. Surge, assim, uma tensão entre a necessidade de comunicação na nova língua e a manutenção da identidade de origem. No entanto, eles não ficam presos a uma única versão de si mesmos: a migração os impele reconstruir constantemente suas identidades.

A *solidão do migrante* é vivenciada como um peso constante, frequentemente associada às dificuldades de integração social. Embora não tenham sido relatadas experiências extremas de exclusão, a ausência de integração plena pode gerar sentimentos de isolamento, agravados por discursos xenofóbicos presentes no imaginário social.

Por fim, as narrativas evidenciam *sentimentos de gratidão, esperança e otimismo* em relação ao Brasil, que atuam como mecanismos de estabilização identitária e sociocultural. Apesar das tensões e dos desafios, os participantes percebem o contexto brasileiro como majoritariamente acolhedor, reforçando a importância da hospitalidade nas experiências migratórias.

Referências

ACNUR. Agência da ONU para refugiados. **Dados: refugiados no Brasil e no mundo**. 2025. Disponível em: https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo

BAENINGER, R. Êxodos contemporâneos. Pesquisa Brasil. [S. 1.] Pesquisa Fapesp. 26/sep./2025. Podcast (71:21). Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/exodos-contemporaneos/?utm_source=instagram&utm_medium=social&utm_campaign=PBR. Acesso em: 30 set. 2025.

BAUMAN, Z. **Hermenêutica e ciência social: abordagens da compreensão**. São Paulo Editora Unesp, 2022.

BOLÍVAR, A. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da investigação (auto) biográfica**, v. 2, n. 1, p. 79-109, 2012.

CROWLEY, P. Paul Ricoeur: The concept of narrative identity, the trace of autobiography. **Paragraph**, v. 26, n. 3, p. 1-12, 2003.

DA COSTA, M. R. A. N.; ALBERTINI, R. O problema da identidade pessoal em Paul Ricoeur e a proposta da identidade narrativa**. Revista de Cultura Teológica**, v. 34, n. 108, p. 40-64, 2024.

DA SILVA, M. F. A identidade narrativa em Paul Ricoeur e a relação com o lugar. **Razão e Fé**, v. 19, n. 2, p. 58-70, 2017.

DE PAULA GUEDES, E.; FREZZA, M. Migração de crise e educação básica: a construção de uma cartilha sob a luz da pedagogia translingue. *In*: Anais do **Salão de Pesquisa**, **Extensão e Ensino** Do IFRS, 2025.

DE SOUSA SEVERO, M.; DE OLIVEIRA, É. S.S. Educação e multiculturalidade: desafios e possibilidades na inclusão de alunos migrantes em Caroebe/Roraima. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 13, n. 2, p. e928-e928, 2024.

DE TOLEDO, T. F.B. Uma desconstrução das fronteiras: crises, migração e hospitalidade incondicional. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**/*PLURA, Journal for the Study of Religion*, v. 15, n. 1, p. 149-168, 2024.

DERRIDA, J. El monolingüismo del otro o la prótesis de origen. Editorial electrónica de escuela de filosofía Universidad ARCIS, 1997. www.philosophia.cl

DERRIDA, J. **Ana Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo Editora Escuta, 2003.

FRESNEDA-PATIÑO E.; LOIOLA ARAUJO J.; MANCER-ORTIZ G. Producción, organización e interpretación de datos narrativos usando mónadas: un abordaje teórico y práctico desde el estudio de la experiencia de una profesora de matemáticas. *In:* FERREIRA; NACARATO M. A. (org.) **Pesquisas (Com) narrativas e narradores: modos de produção e análises**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 129-154.

MACHADO, T. E. C. **O direito à educação básica de migrantes e refugiados**. UNILA. 2024.

RICOEUR P. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editorial WMF, 2021.